

Brasília, a luta contra o retorno

Benedito Coutinho

Corria o ano de 1956 quando pela primeira vez sobrevoei o cerrado desde o São Francisco até o Xingu. O piloto da FAB, da nacele do velho DC-3, apontou-me o que se chamava então o "Sítio Castanho". A fumaça e a cinza das queimadas impregnavam o ar. Mas distingui bem o lugar que viria a ser escolhido por Israel Pinheiro, para localizar a capital. Uma particularidade o diferenciava dos outros: era o único a encostar uma ponta do seu quadrilátero na fronteira de Minas Gerais. Bem que os demais poderiam oferecer vantagens. O "Castanho", também, era o único que pela sua topografia tinha condições de enfeitar a futura cidade com um lago. E este se fez como um pássaro no momento exato de alçar voo.

Em 1957, tendo saído das Relações Públicas do Novacap, substituído no lugar por Pedro Gomes, pousei pela primeira vez no aeroporto de Brasília. Na realidade, tratava-se de um estirão de asfalto, tendo ao lado um galpão de madeira. A estrada ia diretamente para o Núcleo Bandeirante. Naquele dia, inaugurava-se o Hotel Santos Dumont, hoje com outro nome, na Primeira Avenida.

De lá, para o que hoje se chama Plano Piloto, tomava-se uma via de acesso de chão batido, que ainda é a mesma, só que asfaltada, passando pelo Eixão.

Apenas duas construções, naquela época, estavam em suas fundações: o Palácio da Alvorada e o Brasília Palace Hotel. Do Palácio do Congresso, somente a visão de um imenso buraco. Nada indicava a monumentalidade da Praça dos Três Poderes. O doutor Ernesto Silva era quem dizia as coisas. Aqui vai ser isto, ali adiante aquilo. A verdade porém é que apenas se impunha sobre tudo a paisagem do cerrado bravo e deserto por onde vadiavam em bandos as emas e as siriribas. Lembro-me mais de uma particularidade. Conosco se encontrava o Professor Antenor Nascimentos. O velho sábio do vernáculo e dicionarista famoso, nos seus quase oitenta anos, foi com todos tomar um banho na cachoeira do Paranó, onde atualmente se localiza a barragem do lago. Ernesto Silva fora seu aluno nos bancos escolares.

Voltei em 1958. Em dezembro de 1959, Oswaldo Maia Penido, ocupando a Chefia da Casa Civil do presidente Juscelino Kubitschek, trouxe-me pela terceira vez a Brasília. Assim como faziam aos funcionários do Congresso e do Supremo Tribunal Federal, o objetivo da viagem era o de mostrar que a cidade tinha sido mesmo construída. Já se podia morar nela. Nela, também, o Governo teria condições de sediar. Na realidade, o quadro era inteiramente outro. A Asa Sul estava mais ou menos delineada. A Estação Rodoviária tomava forma. De acordo com a estratégia de JK, estava-se construindo o superfluo, porque, dizia ele, o necessário outros construiriam. E como chovia naquele dezembro de 1959. Os que retornavam para o Rio, tremendo só de pensar em viver longe de Copacabana, levavam como recordação ou uma poeira entranhada na alma ou os respingos do maior lamaçal do mundo.

Foi então que vi que o "Correio Braziliense" também estava nascendo num pedaço deste chão por entre o carrascal. Para nele se chegar, havia somente uma indicação: o cruzeiro onde se tinha rezado a primeira missa. Aliás, onde o cardeal D. Carlos Carmello Mota rezou a primeira missa de Brasília. A fotografia do acontecimento é histórica e nela aparecem os verdadeiros pioneiros.

Quanto ao "Correio" quando vi os tijolos amontoados e Paulo Correa, que era o Secretário de "O Jornal", providenciando o almoço dos operários e se revelando um excelente capazat de construção, confesso que saí pessimista.

Quatro meses depois, a 18 de abril, três dias antes da inauguração da cidade, pela primeira vez a ela cheguei viajando por terra. Alguns homens da UDN, com aquele ódio e aquele horror às mudanças, duvidavam até da existência da estrada. Uma coisa material em que se pisava, por onde rolavam automóveis e caminhões, não existia, simplesmente, numa atitude de oposição política. Para Carlos Lacerda, Brasília "era um câncer no coração do Brasil". Foi isso mesmo que ele disse no dia em que se despediu da Câmara dos Deputados - aliás no único discurso que pronunciou no Palácio do Congresso - para se candidatar a governador da Guanabara. No seu entender, a missa de D. Carlos Carmello Mota tinha sido "sacrilegio".

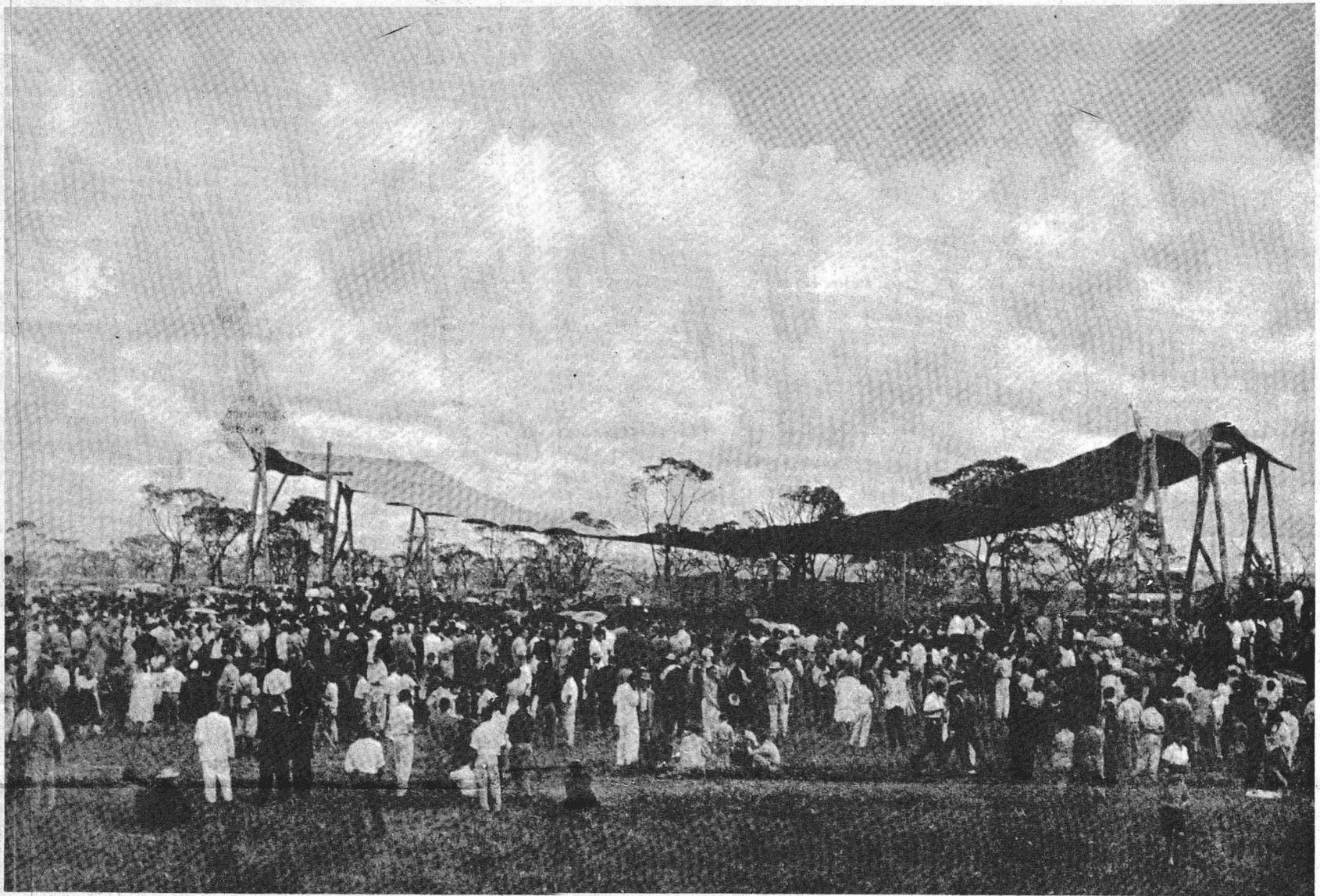
O ex-deputado Mário Martins, nesse tempo outro ferrenho udenista, naquele momento em que estava decidida a mudança, teve um estalo: "Não pode mudar a capital". Perguntaram-lhe por que. "Falta um corpo de bombeiros. E os incêndios? Quem vai apagá-los?" Por motivo da sua advertência, nunca se viu tanto carro de bombeiros em Brasília como no dia da inauguração. Eles vieram de Belo Horizonte, de São Paulo, do Rio, de todo lugar. O deputado José Bonifácio, que se revelou um dos consolidadores da cidade, a princípio defendeu, no velho Palácio Tiradentes, como 1º Secretário, que era, o adiamento da mudança. Entendia ele que Brasília ainda era um canteiro de obras e não oferecia condições mínimas para ser habitada. Mas aceitou a mudança: "Mudou, está mudado" - sentenciou.

Para encurtar a história, os udenistas com todo aquele pessimismo amargo que as derrotas políticas lhes deram, vieram atrás dos possedistas.

Juscelino Kubitschek tinha no bolso um trunfo respeitável: um regime pluripartidário. - eram doze os partidos na Câmara - , ele contava com o apoio de oito. Não somente comandava a maioria do Congresso. Ele tinha a seu lado, incondicionalmente, dois terços da representação da Câmara e do Senado. Portanto, o seu problema era o de erradicar a maioria do Congresso. O resto que viesse depois. E assim aconteceu. O importante, porém, histórico e marcante, foi o dia 21 de abril de 1960. Havia um alvorço dominando a todos. Era um estado de espírito.

"Isto não é uma mudança" - comentou um Embaixador, casaca e cartola, olhando aquele mundo de gente que se movimentava dentro da poeira, num verdadeiro frenesi. "Isto é um terremoto" - concluiu ele.

Mas naquele dia 21 de abril, há 15 anos atrás, nas catedrais da Europa repicaram os sinos, anunciando ao mundo o nascimento de uma cidade. Cada um de nós sentia a grandeza do momento.



A Missa - A cruz de madeira, o toldo rústico, o cerrado como paisagem, a Primeira Missa de Brasília marcou o dia do seu começo

No dia 20, à noite, constatei o milagre. O "Correio Braziliense" já mesmo sair. Na verdade, o que lá se encontrava era a gente vindo do Rio, de São Paulo, recrutada às pressas, tudo sob a chefia de Edilson Varela que deixara a gerência do órgão líder com a missão de reviver a folha de Hypólito José da Costa. Ari Cunha circulava entre a redação e a oficina. Daquele tumulto saiu um jornal.

Eram mais ou menos 21 horas e tudo estava parado à espera de Dona Sara Kubitschek. Ela seria a madrinha da primeira folha diária da cidade, aqui redigida, aqui impressa, com nome e data da inauguração. A expectativa se tornou tensa porque a 1ª Dama não chegava. Todos pareciam noivos à espera da noiva no altar. Como aconteceu a cada um de nós naqueles tempos heróicos, no meio das trevas da cidade que estava nascendo, a madrinha se perdeu no cerrado. Afinal, lá para as tantas, ela chegou contando a sua aventura.

E, no dia seguinte, o "Correio Braziliense" circulava nas bancas da W/3, que era o coração da cidade, onde a gente ia comer no "Chez Willy", ou nos freguesias dos arredores.

Havia heroísmo em todos nós. Eu que não crescera na minha cidade natal, via uma cidade crescer comigo. Testemunhava o milagre do nascimento de um jornal, tão importante quanto o resto. Se Brasília nascia sob a contestação dos pessimistas, tinha a consolidada, desde o primeiro instante, o seu próprio jornal. Outros surgiram depois.

A TV - Brasília mandava para o Rio as imagens da grande festa. Um DC-3 fantasma voava entre Brasília e Belo Horizonte captando suas ondas e refletindo-as para a TV-Tupi do Rio e S. Paulo.

Nós - modestia à parte, meus senhores - somos pioneiros. Para muitos que aqui chegaram, enriqueceram e voltaram no mesmo pé, nós éramos "Piotários". Uma coisa ou outra, o pior mesmo veio depois. A roda da política brasileira teria que dar muitas e muitas voltas. Em 15 anos de vida, Brasília viu subir e cair em Presidência, regimes e constituições. Cada episódio lhe deu horas de amarguras. Desde o momento em que Juscelino deixou o Palácio do Planalto não se botou mais tijolo em cima de tijolo. Mintu. Jânio mandou construir o pombal da Praça dos Três Poderes.

A onda retornista ia e vinha como resaca de um mar encapelado. A falta de "equilíbrio emocional" de Jânio Quadros, diagnosticada muito antes pelo general Henrique Lott, resultou num desastre para a cidade com a sua renúncia em agosto de 1961. João Goulart contribuiu, para este processo de recessão da capital por outros meios. Ele que era um político de massa, somente acreditava em ferroviários e portuários, sentia-se deslocado na "solidão deste planalto".

Quando se escrever a história desta cidade, (aliás escrita ele já está, desde o dia da sua inauguração, pelo Correio Braziliense), dar-se-á ao Congresso Nacional a láurea de consolidador número um de Brasília. As tempestades políticas que se armaram e se derramaram sobre

a criança, que contava apenas com o mínimo para sua sobrevivência, foram absorvidas pelos homens da Câmara e do Senado. Eles tinham a seu favor tranquilidade para deliberarem. As pressões populares que eram no Rio fator preponderante, aqui chegavam como ondas saídas de um ponto remoto.

Mais do que tranquilidade, também havia paz nesta cidade. Nos seus arredores, ainda erravam os guardas selvagens. No fim da estiagem, bandos de papagaios e araras coloridas cortavam-lhe o céu azul. Os descampados ainda existentes deixavam a descoberto o panorama do pôr-do-Sol.

Aos que hoje chegam à metrópole, passando por entre as árvores crescidas, os relvados resplandecentes, diante da oferta do superfluo que é a característica das grandes cidades, não pode imaginar a batalha que a certa altura se travou para se impedir que a sede do Governo da União, assim como um exército derrotado longe da pátria, se retirasse do campo de batalha, levando consigo os destroços de uma aventura lamentável, para regressar ao sítio antigo.

As forças do retornismo, desde o Governo Jânio, trabalharam dia e noite para forçar uma reversão do processo. Na área política, somavam esforços, duas correntes, paradoxalmente antagônicas entre si. A primeira delas era a da plutocracia. Esta não tirava das pupilas a chamada visão helênica dos mares. A linha do horizonte oceânico despertava-lhe uma profunda nostalgia. Aos que a ela pertenciam, Brasília era um deserto porque não lhes oferecia o "décor" de uma sociedade sofisticada, sob cujas vistas deslumbradas, o Poder merecia ser exercido. Como se sofreu com os impactos negativistas dos porta-vozes do "café society".

A segunda corrente, esta era mais poderosa. João Goulart conseguiu, pela atração que sobre ele exerciam as massas populistas, estimular não somente o sentimento nostálgico das "cliques" sociais, como ativar politicamente os centros trabalhadores a favor de uma política que tendia a recuperar o centro de gravidade da Nação para a beira-mar.

Impedir que essas duas forças, isoladamente ou coligadas, vencessem a parada do retornismo foi o papel que coube desempenhar o "Correio Braziliense" ao longo desses 15 anos de luta.

Dou meu testemunho sobre um episódio. Um dia, na Câmara, o deputado Herbert Levy, por descuido, conversando com jornalista, numa daquelas horas - amargas que o janguismo atravessava, o país sofrendo convulsões profundas, confidenciou: "Vamos retornar para o Rio". Houve um movimento de espanto entre os presentes. E o representante paulista logo explicou: "Mas esse retorno é temporário. O presidente João Goulart já concordou com ele. Um entendimento até mesmo com governadores". Mais do que espanto, houve pânico. O repórter aqui presente levantou direto para a máquina de escrever. Bastava reproduzir o que dissera o deputado paulista. Palavra por palavra, sem nenhuma omissão. Quando ia a meio o trabalho, o inconfidente mandou um colega falar-lhe: "Herbert Levy mandou pedir para você

não escrever nada sobre aquele negócio do retorno". Respondi-lhe que já estava escrevendo para não perder o elan.

No outro dia, manchete no "Correio Braziliense" e repercussão nacional. O primeiro a desmentir a notícia foi o governador Magalhães Pinto, hoje presidente do Congresso. Houve uma catadupa de esclarecimentos e desmentidos. A trama fracassou. Esta, que relatei, na qual tive uma participação jornalística direta, constituiu-se em uma das centenas de tentativas. Outras se sucederam. E o "Correio" não transigia, às vezes como aquele buriti perdido de Afonso Arinos, solitário mas ereto na sua posição.

A favor da Revolução de Março de 1964 - ressaltasse - diga-se que foi ela que riscou do vocabulário de Brasília a palavra "retorno". Coube ao presidente Castello Branco (aparentemente um paradoxo político) forçar a retomada do ritmo de trabalho de Brasília. Os presidentes Costa e Silva e Garrastazu Médici não lhe traíram a linha da consolidação. E o presidente Ernesto Geisel aí está mais fincado no Governo, em Brasília, do que uma aroeira no cerrado.

Mas, sem nenhuma dúvida, verdade histórica a ser estudada um dia, coube ao "Correio Braziliense" a duro e sofrido combate no campo político e psicossocial. Foi ele o instrumento de comunicação que mais se empenhou na luta pela consolidação de Brasília.

Pintá-la de verde foi trabalho um de Hércules. Devagar, uma árvore aqui, outra acolá, a grama se estendendo aos poucos, ela se enfeitou de ipês, acácias e flamboyants. Lembro-me que certa vez, Ari Cunha viu de avião o gramado da 305 - Sul, o primeiro a ser plantado.

Saudou-o desvairadamente no dia seguinte na sua coluna. Lembro isto apenas para salientar o quanto era importante o verde para nós "piotários". As garrafinhas com poeira eram ainda vendidas nas casas de "souvenirs". Certo dia, ao lado da 208, vi um rodaminho envolver uma criança que nele se debatia tomada pela sua força. Eram os "lacerdinhos" (tirado do nome de Carlos Lacerda, mesmo). Quando o poeira amainou, a criança, dele saiu chorando. As lágrimas desciam, sulcando o seu rosto avermelhado de barro.

Passados 15 anos, tudo parece ter acontecido ontem. Uma geração aqui nascida, está casando e dando continuidade ao grande processo da vida. O "candango" não é mais o nordestino trazido pela seca de 1956 e 1957, que aqui veio trabalhar e aprender a ser pedreiro, marceneiro, eletricitista, etc, ser tudo afinal. Poucos se apercebem da importância da construção da cidade como uma escola profissional. Hoje querem ensinar às novas gerações profissões que aqui se aprendiam como se o canteiro de obras fosse uma imensa academia.

Este é apenas um pingo de histórias de Brasília, uma contribuição. Clemente Luz sobre ela já escreveu um livro, "Invenção da Cidade", que é um poema. Ernesto Silva tornou-se o seu primeiro historiador. Mas, na verdade, a alma da cidade foi o seu primeiro jornal. Este jornal. O "Correio Braziliense" de todos os dias.



Benedito Coutinho, um dos jornalistas a acompanhar, nas páginas deste jornal e de "O CRUZEIRO", os primeiros dias de Brasília



Sete meses de Governo, Jânio Quadros, sem o equilíbrio emocional necessário para as responsabilidades presidenciais, renunciou ao Palácio da Alvorada